

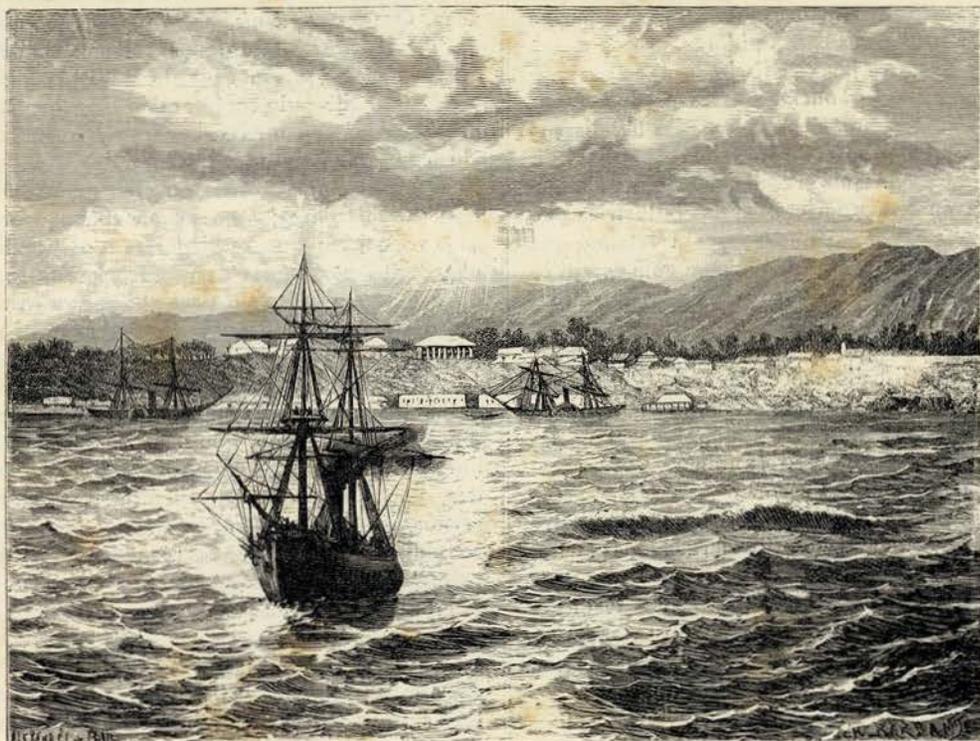
José J. Perestrello.



ILUSTRACÃO
POPULAR

CHRONICA SEMANAL
REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS
PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO
CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA
PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS
PREÇO POR ANNO DU 52 N.º 18000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º | LISBOA, 4 DE SETEMBRO DE 1884 | NUMERO 10



BAHIA SANTA IZABEL (ILHA DE FERNANDO-PO)

CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO — O cholera e as medidas sanitarias — As corridas em Cintra — Os banhos do Tejo

V^{AE} alargando a sua esphera mortifera o terrivel flagello asiatico.

A Italia está soffrendo os rigores da assoladora epidemia, que vae proseguindo na sua marcha, deixando apoz si os funestos vestigios da viuvez e da orfandade.

A approximação do inverno diminue, para nós, o perigo de uma invasão; apesar d'isso, não devemos afrouxar na execução das medidas preventivas aconselhadas pela sciencia e ordenadas pelo governo, porque a negligencia, em casos taes, pôde ser-nos fatal.

As visitas sanitarias têm sido causa de varias queixas contra o modo como são feitas.

Não é para admirar esse facto, porque os interesses, prejudicados com ellas, procuram necessariamente um desafogo; todavia algumas das queixas são motivadas e apontamos uma que carece de prompto remedio.

Todos os dias é inutilizada na mão dos vendedores da rua uma grande quantidade de peixe, que pelo seu mau estado seria um perigo contra a saude dos consumidores.

Nós achamos justificadissima, util e necessaria a fiscalisação policial d'esses productos alimenticios, mas entendemos que essa fiscalisação devia ser feita no acto da venda do peixe por junto, para o prejuizo recahir nos donos das armações ou dos proprietarios das industrias piscatorias e não nos compradores a retalho, que revendem depois, tirando d'esse commercio os parcos proventos, de que vivem muitas familias pobres.

Parece-nos que d'este modo era mais facil e equitativa a fiscalisação e não seria prejudicada a classe dos vendedores ambulantes, para os quaes é um damno onerosissimo a perda do genero, que elles compram a dinheiro para revender com mesquinho lucro.

O assumpto trouxe-nos á lembrança outra questão, que merece ser considerada pelas auctoridades competentes.

As visitas sanitarias aos domicilios têm demonstrado que ha em Lisboa muitos desgraçados, que vivem em immundissimas possilgas, que pagam por preços elevados aos proprietarios.

Temos visto, que essas visitas têm melhorado, um pouco, as condições hygienicas das taes furnas, mandando cair e limpar esses antros,

Mas nós queriamos mais que isso, queriamos que os delegados de saude as condemnassem, como inhabitaveis, obrigando assim os senhores a fazerem as obras indispensaveis para n'ellas se poder viver.

Parece-nos que seria um grande beneficio publico esta medida, da qual resultaria, de certo, o bem estar das classes proletarias, que, pela escassez dos seus recursos, têm de sujeitar-se aos nocivos effeitos d'esses domicilios, onde não ha ventilação, onde não ha luz, onde não ha uma só das condições hygienicas, necessarias á existencia.

×

Cintra fez, n'este verão, monopolio da alta sociedade de Lisboa.

A côrte transferiu-se para aquella nesga do paraíso e, ás noites, aquelles palacios, espalhados pela lombada da serra, abrem as suas amplas janellas para atirarem aos massiços escuros do arvoredado feixes de luz e aos echos das quebradas as notas harmoniosas dos concertos, as vibrações alegres das walsas e o sonoro buliço dos bailes.

Não ha dia, em que não haja uma diversão nova. Ora é um *pic-nic*, ora é um passeio á Pedra de Alvidrar, ora é uma excursão a Collares, ora é uma *soirée* em casa do ministro inglez, ora é um baile dado em honra do Principe Real, ora é um jantar em casa de um dos Cresus, que alli têm a sua vivenda de verão.

O acontecimento mais notavel, porém, foi a festa organizada pelos nossos sportmans; foram as corridas, em que se disputaram os premios, offerecidos por damas da nossa primeira sociedade e se aproveitou o pretexto para a exhibição de vistosas *toilettes* e de deslumbrantes equipagens.

A não ser como um meio de diversão, não se podiam comprehender as corridas em Portugal, um paiz tão pequeno, que não tem espaço para um salto de um *pur-sang*. Nós não temos corridas, temos hypodromos em miniatura, onde a aristocracia de sangue e a aristocracia de dinheiro se reúnem, não para vêr correr, mas vêr chegar primeiro a *Malpartida* ou a *Ophelia*, o *Fritz* ou o *Trovador*.

×

É levantar cedo e ir para o Terreiro do Paço dar um passeio por baixo das arvores e tem-se logo a prova de quanto é calumniada a população de Lisboa, quando se afirma que ella se não lava.

Que se banha, juramos nós e, desde Santa

Apolonia até à torre de Belem, não se vê senão gente a mergulhar no Tejo, como lá para as praias do norte se mergulha no mar.

Francamente, o Tejo, apesar das phrases lisonjeiras dos poetas, não convida ao banho.

As suas aguas turvas denunciam um fundo de lodo e as suas margens-muralhas só de longe em longe se interrompem, para deixar um pequeno espaço de praia.

Essa circumstancia deu logar à invenção das barcaças — uma especie de arcas de Noé — que sobrenadam no Tejo e nas quaes se toma banho por um alçapão.

Apesar d'isso em todas ellas se tomam diariamente milhares e milhares de banhos, não obstante serem incommodos, insalubres e caros.



DESCRIÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A nossa primeira gravura representa a bahia Santa Izabel, na ilha de Fernando-Pó.

Esta ilha tomou o nome do seu descobridor e, desde 1845, que pertence à Hespanha.

A raça, que allí habita, divide-se em muitas tribus, cujas linguas têm entre si affinidades e pouco differem das falladas no continente.

Os europeus chamam a esta raça — Bouvis. — É gente laboriosa e sóbria e pôde dizer-se que o inhame é a base principal da sua alimentação.

A linha de vapores inglezes aproveitou a excellente posição geographica d'esta ilha para fazer d'ella um centro commercial.

O clima é saudavel, attendendo à massa consideravel de arvoredo, de que a ilha está povoada.

A perspectiva da bahia é surpreendente, como pôde ajuizar-se pela gravura, que apresentamos e que foi feita segundo um desenho de A. Bar.



A segunda gravura — a cultura dos jardins na época do bronze — tem por objecto resumir e representar, materialmente, as nocões, que precedem, relativamente, os conhecimentos hortícolas dos homens da época do bronze.

Um jardineiro cava a terra com uma enxada de pau. Outros colhem fructos de arvores plantadas e cultivadas, segundo as necessidades da alimentação e as mulheres apanham as flores.

Os carneiros, os bois e a cabra, que se vêem, são o indício da domesticação d'estes animaes e entre elles apparece o cão, companheiro fiel do homem e guarda vigilante dos curraes.

São assombrosas as investigações da sciencia, em virtude das quaes podemos reconstruir o passado e apreciar, com um certo grau de probabilidade, o estado de civilização do homem e das sociedades.



A terceira gravura representa — o forno primitivo para a extracção do ferro — que consistia em uma simples cova, encimada por uma chaminé conica e apoiada de encontro a um outeiro.

Os fornos eram ladeados por uma escada de pedra tosca, que permittia a subida até ao seu cume. A altura das chaminés era de 2,80. À direita do forno vê-se a cabana dos operarios, feita de tóros de madeira.

No primeiro plano, á direita, vê-se um monte de carvão, destinado ao forno, para a redução do minerio. No meio estão as escorias, provenientes das operações.

Um operario tira das cinzas do forno o bolo de ferro esponjoso; outro bate-o sobre a bigorna para o converter em barra. Em volta da forja vêem-se os instrumentos do trabalho, como o martello, a pinça e a bigorna.

Todos elles são desenhados, segundo os modelos apparecidos nas escavações, que se têm feito e com o auxilio das quaes se conseguiu ter uma idéa justa dos processos primitivos, que se usaram, para a extracção do minerio e para a conversão d'elle a metal.

Em vista d'estes resultados pôde verificar-se a verdade, com que se chamou a este o seculo das luzes, porque, até ás trevas do passado mais remoto, elle levou os seus luminosos reverberos, pondo assim em evidencia as hypotheses e as conjecturas.



A nossa ultima gravura representa a igreja e o convento da Estrella, em Lisboa.

Este grande edificio foi começado em 24 de outubro de 1779, sendo architecto e auctor do plano, o major de engenharia Matheus Vicente.

As economias, deixadas no erario pelo Marquez de Pombal, foram absorvidas, em parte, pelas obras d'aquelle colosso de granito, que não custou ao paiz, segundo os calculos dos entendidos, menos de 4:000 contos de réis.

O estylo da fachada da igreja é o da renascença, mas acanhado e mesquinho; e a não ser pela vastidão e pelo magnifico zimbório, que cobre o cruzeiro do templo, o edificio por nada se recommendaria.

O zimbório é realmente bello, não só pela

elegancia das fôrmas, como pela perfeição do côrte e do assentamento da cantaria, sendo por essas duas qualidades um modelo notavel de construcção e um bello exemplar architectonico.

O panorama, que se gosa da varanda do lanternim, é surprehendente.

Ao norte, as cristas recortadas da serra de Cintra; ao sul, a Arrabida; na base o vasto estuario do Tejo e tres quartas partes da cidade.

Vale a pena subir a estreita escada de caracol, talhada no massiço da construcção, para se gosar aquella esplendida paisagem.



A CULTURA DOS JARDINS NA ÉPOCA DO BRONZE

ALBUM

JEOVAH

Ha uma força ignota, immensa, incomprehensivel,
Força ante a qual se curva a Natureza inteira,
Cuja esphera de acção jámais teve barreira,
Perante a qual é mytho, e nada o impossivel;

Pois essa grande força eterna, creadora,
Que fez surgir do nada o Espirito e a Materia,
Que tem por obra prima a abobada sidérea,
Onde o sabio mergulha a vista escrutadora:

Á força que contém as legiões frementes
Do magestoso oceano, e diz aos escarceus:
«Parae! Não mais além! Poupae os continentes!»

Dá-lhe o nome de *acaso* a cohorte dos atheus;
E as almas que tem fé, que são picdosas, crentes,
Adoram — n'essa força — a Jehovah, a DEUS.

ALBERTO CARLOS.

SECÇÃO HISTORICA

HISTORIA DE PARIS

Resumo da historia e desenvolvimento da capital da Franca desde os tempos mais remotos até aos nossos dias

VERSÃO DO FRANCEZ DE ROGERIO DE VILLAMAIOR

UM seculo, pouco mais ou menos, antes da Era Christã, a povoação dos *Parisii* estabeleceu-se nas margens do Sena, no extremo da ilha, que depois tomou o nome de «Citê.»

Durante alguns seculos, a historia não falla dos Parisienses subjugados, como os outros povos da Gallia; porém, no anno 360, o imperador Juliano, que já por duas vezes tinha habitado na capital, que então se chamava — Lutecia — onde foi coroado, escolheu para morada o palacio das Thermas, de que ainda restam vestigios e reuniu

na sua côrte varios sabios, dando assim fama á capital das Gallias.

Depois a cidade mudou o nome no de «Paris», teve um corpo municipal, juizes e fez-se conhecida pelo seu territorio, pelas suas aguas e pela sua producção. É d'esta data o palacio da *Cité*,

perto do qual se elevava um altar a Jupiter, havia duas vias romanas e vastas habitações.

Nas trevas, que envolvem a historia de Paris, antes da conquista da Gallia pelos Francos, avultam duas lendas populares, que poetisam as origens da capital da França.



O FORNO PRIMITIVO PARA A EXTRACÇÃO DO FERRO

A primeira refere-se a S. Marçal, nascido na cidade, de que foi bispo, no fim do quarto seculo. Attribute-se-lhe a immersão, no Sena, de um dragão monstruoso, que era o terror de Paris.

S. Marçal foi sepultado em uma pequena aldeia, que é hoje o arrabalde S. Marçal, consideravelmente modificado, ha dez annos.

A segunda lenda é a de Santa Genoveva, nascida em Nanterre, em 423. Esta simples pastora seguindo os conselhos de S. Germano d'Auxerre, veio para Paris, depois da morte de seus pais, onde viveu com sua madrinha, dando exemplos dos mais irreprehensiveis costumes.

Quando Attila, o *flagello de Deus*, invadiu as Gallias, os Parisienses, amedrontados, julgaram não poder resistir-lhe e resolveram abandonar a cidade.

Genoveva conseguiu dissuadir-os d'esse pro-

posito, profetizando-lhes, que Paris seria poupada.

A esperança entrou no coração dos habitantes que, vendo realisada a profecia, consagraram a Genoveva a mais profunda veneração.

A santa morreu a 3 de janeiro de 512 e foi aclamada padroeira de Paris e na idade media atribuiram-se ás suas reliquias muitos milagres. Foi enterrada na Igreja de S. Pedro e S. Paulo, que Clovis construiu no cume da montanha de Santa Genoveva e cuja terra, religiosamente conservada, faz parte das construcções, pertencentes ao Lyceu Henrique IV. (Continúa.)

Abrimos esta secção para satisfazer ao pedido do nosso distinctissimo collaborador, Rogerio de Villamaior, que espontaneamente quiz offerecer aos nossos leitores um trabalho litterario de muito merecimento historico e escrupulosamente traduzido.

MINIATURAS

CAMÕES

A vida do poeta é um verdadeiro poema.

MILTON.

O NOME do celebre cantor das glórias de Portugal é sem duvida um dos mais illustres, que a historia das litteraturas inscreve em suas paginas.

«A vida de Camões não é uma simples indicação de dados biographicos: ella está ligada a todos os accidentes historicos da nacionalidade portugueza.»¹

Lisboa, a

..... nobre Lisboa, que no Mundo
Facilmente das outras é princesa,

segundo a phrase do poeta, foi o berço de Luiz de Camões.

Completo os seus estudos na universidade de Coimbra, voltou á cõrte, onde conheceu D. Catharina de Athayde, a quem dedicou o mais puro amor. A este unico affecto da sua existencia deveu Camões o seu exilio.

Passando a Ceuta e depois ao Oriente, esteve por muitos annos longe da «patria sua ditosa amada.»

Em 1570, regressou a Portugal, onde «viveo pobre e miseravel e assi morreo,» segundo as palavras singelas, mas eloquentes, do epitaphio do inspirado auctor dos *Lusadas*.

Em junho de 1880, celebrou o povo portuguez, com um enthusiasmo indescriptivel, o tricentenario do divino Camões, como o appellida o mavioso cantor de *D. Branca*.

JOSÉ PESSANHA.

CARTEIRA UTIL

SOPA DE MIOLOS

FAZ-SE um refugado.

Ha muita gente que julga saber fazer um refugado e tem vivido n'esse engano, porque, a não ser o auctor d'estas linhas e o Julio Cesar Machado, ninguem mais o sabe fazer.

Um refugado faz-se assim:

Descascam-se as cebolas necessarias, collocam-se em cima do cêpo respectivo e com a faca vão-se picando, picando, até que fiquem reduzidas a pequenos fragmentos.

¹ T. Braga, *Os Centenarios*.

Depois deitam-se em um tacho e junta-se-lhes uma colher, bem cheia, de azeite fino, outra de manteiga de porco e outra de manteiga de vacca, um dente d'alho, uma folha de louro e uns posinhos de pimenta.

Feito isto, tacho ao lume, lume brando, nada de pressas e de vez em quando mecher com colher de pau.

Em quanto a cebola aloura, pica-se um ramo de salsa, que se addiciona ao refugado, quando elle principia a tomar cõr; e quando tudo está louro deita-se uma colher de agua, para não queimar e vae-se-lhe espremendo em cima um ou dois tomates, passados no coador.

As mioleiras devem estar já lavadas e é então a occasião de deital-as no tacho, em que está o refugado; e não vão sós, é preciso fazel-as acompanhar de um pedaço de toicinho, de um naco de presunto e de um chouriço, sem camisa. Depois de bem refugado tudo isto, accrescenta-se a calda na proporção da quantidade de sopa, que se deseja, e deixa-se ferver até que as mioleiras, o chouriço e o presunto se desfaçam.

O toicinho tira-se.

A terrina tem dentro tostas do Porto, de agua e sal, e na falta d'ellas pão torrado e partido aos bocadinhos. O caldo vem do lume a ferver e deita-se em cima das torradas, abafa-se logo e passado um quarto de hora serve-se a sopa, que fica deliciosa.

É verdade! Não se esqueçam de temperal-a com o sal conveniente e de dizerem se gostaram.

UM GULOSO.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

II

Na Opera!

(Continuado do numero antecedente)

ENCHE-SE até ás bordas um balde d'agua e deita-se-lhe dentro um peixe e o balde não trasborda, apesar da lei de physica «de que um corpo mettido n'agua desloca uma quantidade especifica igual ao seu volume.» Causou grande emoção na assembléa a propriedade do peixe absorver a agua, sem augmentar de volume. A sessão foi tempestuosa e terminou sem se ter achado a resolução do problema. Cada um entregou-se ao estudo da questão, escreve-

ram-se resmas de papel, todos os oito dias reuniamos, e já haviam decorrido dois mezes, sem que se tivesse adiantado cousa alguma na explicação d'esse phenomeno. A questão já se aze-dava, os improperios iam tomando o logar dos argumentos e as sessões ameaçavam escandalo. Afinal eu resolvi acabar com o divertimento e, uma noite, mandei vir um balde cheio d'agua e á vista de todos deitei-lhe dentro um peixe. A agua trasbordou. Pasma geral! No dia seguinte fui despedido por ter duvidado da sciencia. A conclusão d'esta historia, marqueza, é que se discutem factos, que muitas vezes não existem.

— Muito bem, sir Williams. A moral d'esse apologo é que não ha causas primarias na sua paixão pelas viagens.

— Assim é, marqueza.

— Todavia consinta que eu conserve a minha opinião.

† — Se ella é uma convicção!

● — Certamente e fundada em um facto material.

— Qual?

— O motivo da sua ultima viagem e das suas tentativas de suicidio.

— Confesso-me vencido.

— Effectivamente pensou alguma vez em matar-se?

— Pensei e eu não seria um gentleman, um verdadeiro inglez, se o não pensasse. Um dia ou outro, quando o desgosto da vida me fôr insuportavel, reunirei os meus amigos para fazer-lhes as minhas despedidas, porque é necessario saber viver até ao ulimo momento e deixarei esta scena, em que se agitam tantos manequins, sem elles comprehenderem a razão da sua existencia.

— Oh! exclamou Regina com um gesto de reprovação.

— V. ex.^a tinha razão para escandalisar-se com as minhas palavras, se ellas não fossem a expressão da verdade, a traducção fiel dos meus sentimentos. Eu fallo segundo o instincto da minha razão, sem pretensão alguma de ridicula philosophia. Além d'isso sigo as tradições de familia. Uma manhã, em que meu avô devia sair para a caça, principiou a cahir uma chuva grossa e flocos de gelo, a que não resistiriam os cães da sua matilha. Elle desatou a gravata e enforcou-se no ramo de uma arvore. Meu pae chegou aos quarenta annos e olhando para o mundo, como eu olho, com profundo aborrecimento, principiou a pensar no episodio de Clarence, que Shakspeare precipitou em um tonel de malvasia.

Elle mandou então construir uma grande dorna de pau rosa, com arcos de ouro massiço, cravejados a pregos com cabeças de esmeralda. Depois foi a Napoles, de proposito, comprar a quantidade necessaria de genuino *lacrima Christi*, o vinho da sua predilecção. Cheio o tonel, convidou os seus amigos e depois de um jantar esplendido, mergulhou-se no precioso licôr, recommendando no seu testamento, a mim e a meu irmão mais velho, que procurassemos outro genero de morte, para não nos sujeitarmos ao ridiculo de imitadores. Meu irmão Jorge, como tinha ideias mais tragicas, matou-se em Tombouctou de uma maneira horrorosa. Mas isso fica para outra occasião, porque, na verdade, o assumpto não é proprio para uma noite de Opera.

A marqueza de Sandoval já não ouvia sir Williams; estava absorvida em profunda meditação.

(Continua.)

EXPEDIENTE

Accusamos a recepção de diversos originaes, que serão opportunamente publicados e pedimos aos nossos distinctos collaboradores que, sempre que nos queiram honrar com os seus escriptos, attendam ao pouco espaço de que podemos dispôr, mandando-nos pequeninos artigos.

Recebemos tambem decifrações do passatempo do numero anterior e entre ellas algumas curiosissimas.

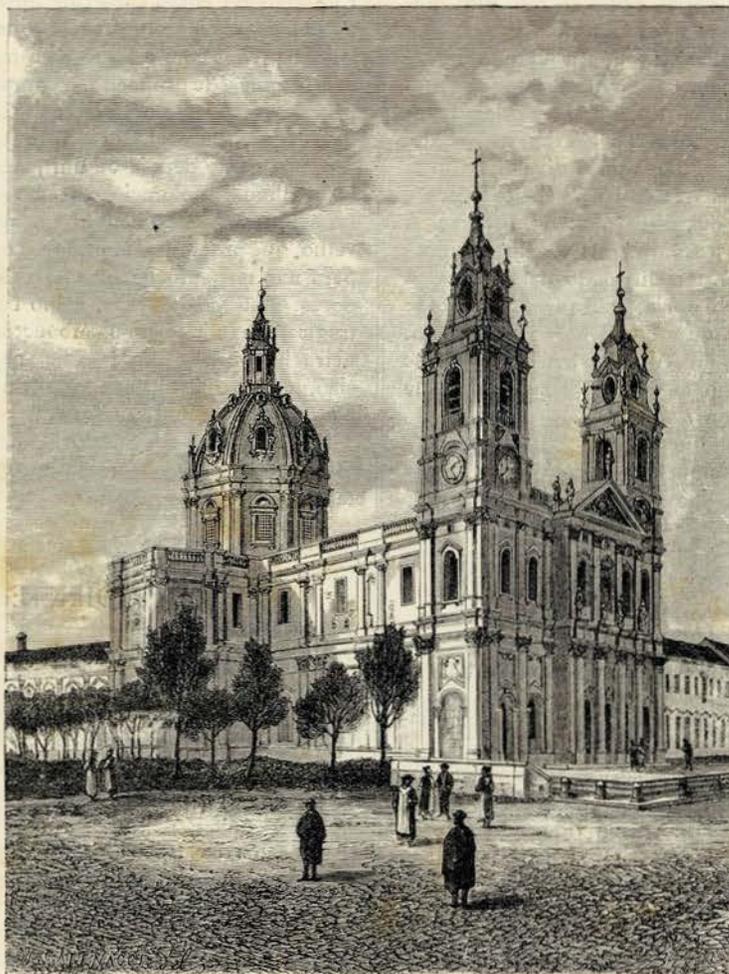
Houve um *pescador* que encontrou seis resoluções do problema do n.º — 9 — mas se em vez de ser a importancia do jantar 317000 réis fosse 317900 réis, como o auctor do problema fixou, quantas resoluções encontraria o perspicaz decifrador?

Aguardamos a resposta e fica assim rectificada a troca do 9 por um zero, n'aquelle problema.

Para a nossa secção — Album — tem-nos sido enviadas algumas poesias, que não publicamos, umas por extensas, outras por defeitos de metrificação e algumas por serem um agrupamento de palavras rimadas, sem exprimirem uma ideia ou traduzirem um sentimento.

Na poesia a arte não é uma coisa indifferente. O sentimento só não basta.

Para aquella secção queremos pouco, mas bom. Mandam?



EGREJA E CONVENTO DA ESTRELLA EM LISBOA

PASSATEMPO

ENIGMA

(SUPPRESSÃO DE CONSOANTES)

A M. D. C. S.

. . . a . . . a
 . a . a . c . a . o . . . e . u . o . a . ã . o . e . a . o
 . c i . o u . e . c . o . e . u . e . e . o . u . i . o ;
 . ' o u . . ' o . a . o . o . o ' i . o . é . a . a . a . o ;
 . i . o — e . a . e . u . . ' a . u . e . o . i . e . a . a . a . o
 . o . a ' a . e . e . e ' u . a . e . e . e . i . o .

CARMO E SOUSA.

CHARADA

Atrapalhado me vejo ao fazer d'esta—1
 Por me faltar a mim o que esta diz—3
 O conceito da charada é nome proprio
 Mas não dos mais vulgares cá no paiz.

B. P.

Explicação do problema do n.º 9—30 HOMENS e 10 SENHORAS.

A resposta á pergunta innocente —EM DAR-ME Á LUZ.

A explicação da charada—REPUBLICA.

A explicação do enigma—NÃO SERÁS ABASTADO SE PRIMEIRO NÃO FORES HONRADO.

Typ. da Empreza Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa

5—PATEO DO ALJUBE—5